

## SITUAÇÃO DA CULTURA DO ALGODÃO NO BRASIL: UMA BREVE ABORDAGEM GERAL



---

Ministério da Agricultura e do Abastecimento

Cultivar CNPA 7H em solo aluvial, sem adubação. Produtividade de 3.500 kg/ha de algodão em caroço. Nova Olinda, PB. 1997  
FOTO: Napoleão E. de M. Beltrão

ISSN 0103-0205

**SITUAÇÃO DA CULTURA DO ALGODÃO NO BRASIL:  
UMA BREVE ABORDAGEM GERAL**

Napoleão Esberard de Macêdo Beltrão

---

The logo of Embrapa, featuring the word "Embrapa" in a stylized blue font. The letter "b" is partially enclosed by a green leaf-like shape.

---

## **Embrapa - Algodão. Documentos, 53**

Exemplares desta publicação podem ser solicitados à:

Embrapa-Algodão

Rua Osvaldo Cruz, 1143, Centenário

Telefone: (083) 341-3608

Fax: (083) 322-7751

<http://www.cnpa.embrapa.br>

E-mail: [algodao@cnpa.embrapa.br](mailto:algodao@cnpa.embrapa.br)

Caixa Postal 174

CEP 58107-720 - Campina Grande, PB

Tiragem: 500 exemplares

### **Comitê de Publicações**

Presidente: Luiz Paulo de Carvalho

Secretária: Nívia Marta Soares Gomes

Membros: Carlos Alberto Domingues da Silva  
Demóstenes Marcos Pedrosa de Azevedo  
Eleusio Curvêlo Freire  
Emídio Ferreira Lima  
José Janduí Soares  
José Wellington dos Santos  
Malaquias da Silva Amorim Neto  
Robson de Macêdo Vieira

---

EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Algodão (Campina Grande, PB).

Situação da Cultura do Algodão no Brasil: uma breve abordagem geral, por Napoleão Esberard de Macêdo Beltrão. Campina Grande, 1997.

15p. (EMBRAPA-CNPA. Documentos, 53)

1. Algodão - Situação - Brasil. I. Título. II Série.

---

CDD 633.51

© Embrapa 1997



## APRESENTAÇÃO

Neste trabalho o autor, com dados disponíveis a nível internacional e, em particular, do Brasil, faz uma breve radioscopia da atual situação da cotonicultura e de sua importância, além da necessidade do nosso país, em especial o Nordeste, voltar a produzir o algodão de que necessitamos, pois não podemos nem devemos depender de matéria-prima externa que, apesar de hoje ser certa, num futuro próximo poderá ser incerta, cara e de qualidade duvidosa.

Temos tudo para produzir o de que necessitamos, com qualidade e, em especial, via cotonicultura, gerar empregos e dividir a renda nacional.

José Gomes de Souza  
Chefe Adjunto Técnico da Embrapa-Algodão

## SUMÁRIO

	Página
1. Introdução .....	7
2. Situação da Cultura do Algodão no Brasil: uma breve abordagem geral .....	8
3. Bibliografia Consultada .....	14

# **SITUAÇÃO DA CULTURA DO ALGODÃO NO BRASIL<sup>1</sup>: UMA BREVE ABORDAGEM GERAL**

Napoleão Esberard de Macêdo Beltrão<sup>2</sup>

## **1. Introdução**

Mesmo atravessando uma grande crise, a cotonicultura é uma das principais atividades do nosso meio rural, com grande importância social e econômica.

Neste ano de 1997, o Brasil deverá, possivelmente, importar a maior quantidade de algodão em pluma de nossa história, em torno de mais de 550.000t, passando a ser, infelizmente, o maior importador do mundo, tendo a condição de produzir o que necessitamos, com qualidade e rentabilidade para os produtores e sem competição por espaço para produzir (solo) com as plantas alimentícias, pois dispomos de mais de 500.000.000ha para a agricultura e temos tradição e competência global para produzir algodão.

Vários fatores são responsáveis pela atual situação da nossa cotonicultura e acreditamos que, com as medidas recentemente tomadas pelo Governo Federal e a tendência de bons preços do produto no mercado internacional, além do aumento do consumo a nível global haja em pouco tempo, o retorno da produção de algodão e nosso país, evitando a dependência externa, que não é bom para nossa estabilidade econômica, e a evasão de divisas, além de, internamente, gerar milhares de empregos estáveis e de custo bem menor do que nos demais setores, tanto de serviços quanto no industrial.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Reunião de Avaliação e Fortalecimento de Parcerias sobre *Bacillus thuringiensis* em Algodão e Milho. 15 e 16 de abril de 1997, na Embrapa-CENARGEN, Brasília, DF

<sup>2</sup> Pesquisador da Embrapa - Algodão, CP 174, CEP 58107-720, Campina Grande, PB

Objetivamos, com este documento, fornecer algumas informações sobre a cotonicultura e o agronegócio do algodão no Brasil e no mundo.

## **2. SITUAÇÃO DA CULTURA DO ALGODÃO NO BRASIL: UMA BREVE ABORDAGEM GERAL**

Historicamente, o Brasil produzia, até 1986, mais algodão do que consumia, sendo considerado, durante anos, um dos grandes exportadores de algodão em pluma do mundo. Devido a uma série de fatores isolados e interativos e de natureza diversa (estruturais, conjunturais, tecnológicas e até de organização e fomento) a produção interna foi reduzida, chegando a apenas 416.000t de pluma em 1993, quando o consumo foi de 763.000t de pluma. No ano de 1994, a área plantada no Nordeste com algodão herbáceo foi de 408.573ha contra 218.610ha em 1993, com incremento na produtividade média que passou de 650 kg/ha para 721 kg/ha; apesar do aumento da produção interna, de 483.100t de pluma, ainda se importaram mais de 400.000t de algodão em pluma que, ao preço atual de mercado, significa cerca de 640 milhões de dólares que saíram do nosso país e representam, teoricamente, mais de 85.000 empregos estáveis que deixaram de existir ou não foram criados no mercado de trabalho. Em 1995 houve um sensível aumento da produção interna em relação ao ano anterior, passando para 541.800t de algodão em pluma, porém insuficiente para a demanda interna, que foi de 856.200t, necessitando-se de cerca de 282.300t de pluma importadas, sendo o restante representado pelo estoque global do ano. Para 1996 estima-se que o país importou pelo menos 360.000t de pluma, pois a produção não passou de 500.000t de pluma.

O Brasil tem toda condição de produzir, em várias unidades da Federação, um dos melhores algodões do mundo e é um dos poucos países, devido à grande extensão da área agrícola e pequena população, que não têm competição interna por áreas



para produzir alimento e fibras, além de ter um dos menores custos de produção do mundo, cerca de R\$700.00/ha em condições de sequeiro, de R\$1.000,00 a R\$1.200,00/ha em condições irrigadas.

A tendência do algodão no mundo é a redução das importações/exportações, pois a maioria dos países produtores está *verticalizando* suas produções, agregando renda e, com o consumo crescente, espera-se pelo menos a manutenção dos preços internacionais; um exemplo é o Paraguai, atualmente um dos principais fornecedores de algodão em pluma para o Brasil e a tendência é crescer um pouco mais nos próximos anos. O Paraguai tem, atualmente, mais de 350.000ha plantados com algodão e um setor têxtil em expansão e modernização, com instalação de unidades de produção e tecnologias de ponta.

É importante e oportuno lembrar que a matéria-prima, o petróleo, do qual se produzem as fibras sintéticas, concorrentes do algodão, inclusive a *microfibra*, está com seus dias contados, sendo um *recurso não renovável*, bem diferente do caso do algodão cuja fibra é ainda inigualável em sedosidade, finura, conforto (no fio e no tecido) e no bem-estar do usuário. Na atualidade, dois fatores têm sido apontados como importantes para um país ter e manter um parque industrial têxtil forte; são eles:

- Os *valores dos custos de mão-de-obra* nos vários segmentos da cadeia produtiva, desde a produção da matéria-prima até a estamparia e produção de tecidos de um modo geral, e a *proximidade da área de produção*. Neste particular, o Brasil tem tudo para ser um dos grandes celeiros de produção de algodão, podendo-se auto-abastecer e, ainda, exportar o excedente e até incrementar as exportações de produtos têxteis que hoje representam somente R\$1,3 bilhão contra, por exemplo, quase R\$30 bilhões por ano exportados pela *China*, e mais de R\$20 bilhões exportados pela Itália.

O Brasil tem amplas possibilidades de produzir o algodão de que necessita e, ainda, ter excedentes para exportação, como aconteceu na safra de 1984/85, cuja produção de pluma foi de



965.000t, para um consumo da indústria têxtil de 599.000t havendo, portanto, um excedente de 336.000t para exportação na forma de pluma, fio, tecidos e/ou confecções. Esta foi a maior safra de algodão da história do país. Na situação atual, não há possibilidade de o Governo alterar bruscamente o quadro de fatores conjunturais (prazos longos de pagamento do algodão exportado, juros, alíquota de importações etc) devido à política macroeconômica e às prioridades atuais e, se isto acontecesse, a indústria têxtil fecharia, em parte, pois simplesmente a produção interna seria insuficiente para a demanda industrial. Sugere-se que haja um fator gradativo de redução de prazos de pagamento a partir de 1997, de 300 dias para 150 dias e para 100 dias em 1998 e 1999, e zerar no ano 2000, quando se espera que se tenha cerca de 2.600.000ha plantados com algodão no país, com produtividade média de 520 kg/ha de pluma (cerca de 1.300 kg/ha de algodão em caroço com 40% de fibra) para, assim, não se ter que trazer o produto de fora e gerar mais riqueza e distribuição de renda no país, ou outra medida que venha a impedir longos prazos de pagamento. Outra alternativa seria estudar a possibilidade da equidade de prazos ao algodão produzido no país. A extinção do ICMS para exportação de algodão, que era de 13% integral e a vista, melhorou a situação e deverá ter reflexos significativos e positivos na produção interna de algodão. Ao contrário do que se pensa, o Brasil já foi um dos maiores *exportadores* de algodão do mundo, tendo sido o quinto colocado nas décadas de 1960 e 1970, chegando a exportar um total de 420.000t de pluma na safra de 1969/70 e já chegou a ser *o maior produtor de algodão do Hemisfério Sul*, e um dos seis maiores do mundo entre os anos de 1970 a 1975. Espera-se que haja alguns ajustes na parte do *planejamento da produção*, produção de sementes fiscalizadas e certificadas das cultivares recomendadas para as diversas regiões produtoras e difusão massal das tecnologias recomendadas pelos órgãos de pesquisa.

Nos dias de hoje, o algodão representa 63% do total de todos os insumos têxteis utilizados no Brasil vindo, em segundo lugar, com 13%, o poliéster. No tocante ao componente

*"Pesquisa & Desenvolvimento"*, o esforço tem sido grande, pois houve aumento nos últimos anos, de cerca de 200% na produtividade do algodão brasileiro, e substancial aumento na percentagem de fibra das cultivares produzidas, que passou, nos últimos quinze anos, de 32% para mais de 40%. Estamos, hoje, envidando esforços para o País atingir a auto-suficiência em algodão em pluma para evitar a importação do produto via fomento à cultura, síntese de novas cultivares, criação de órgãos articuladores e possibilidade de alteração da alíquota de importação e equidade interna nos prazos de pagamentos e juros (taxas) aos praticados no mercado internacional. Com relação à nossa indústria têxtil, sabe-se que o setor é composto, atualmente, por cerca de 4.103 empresas têxteis e 17.067 indústrias de confecções. Em 1995, o segmento de confecção, maior empregador da cadeia têxtil, foi responsável por *1,3 milhão de empregos* e o setor têxteis propriamente dito (fiação + tecelagem + malharia) emprega hoje cerca de *500.000 pessoas*. Em 1995, o setor produziu 4.138 milhões de peças de vestuário, dos quais 1.626 milhão em tecido plano e 2.512 milhões em malha. O segmento todo produziu, em 1995, cerca de US\$23 bilhões e a demanda interna é muito grande, sendo o Brasil, hoje, *o sétimo maior consumidor de tecidos do mundo*. A exportação de produtos têxteis brasileira ainda é pequena, sendo de 1,4 bilhão de dólares em 1994 contra, por exemplo, 28,0 bilhões de dólares da China e 23,2 bilhões de dólares da Itália.

As máquinas em operação no setor têxtil brasileiro têm em média 16 anos de uso. Nos próximos 5 anos, esperam-se investimentos da ordem de *8 bilhões de dólares* para modernização das máquinas e abertura de novas indústrias. Para o ano 2000, estima-se que o consumo industrial de algodão no Brasil seja da ordem de *1,2 milhão de toneladas de pluma*, dos quais 400.000t na região Nordeste, que engloba 9 Estados da Federação, representando 18% do território nacional. O Nordeste é, hoje, o segundo pólo de consumo de algodão do Brasil e, sem dúvida nenhuma, o terceiro da América Latina, perdendo apenas para São Paulo, no Brasil, e o México, país com área de



1.958.201km<sup>2</sup> e população de aproximadamente 100.000.000 de habitantes. Somente o Estado do Ceará tem, na atualidade, um consumo industrial de algodão superior a 140.000t de pluma/ano.

Temos condições de produzir todo o algodão de que necessitamos e de exportar para países que não *podem* produzir, pois com cerca de 850.000.000ha, dos quais metade agricultável, com uma população ainda jovem e pequena, menos de 160.000.000 de habitantes, o segundo polo de agricultura irrigável do planeta (potencialmente) e *a maior reserva de água doce do mundo*, além da maioria esmagadora das combinações genéticas de embriófitas sinfanôgamas do planeta, podemos, por muito tempo ainda, quiçá, indeterminadamente, produzir *alimento e fibras* para auto-sustentação e atender parte do mundo, sem competição por áreas de plantios. Apenas para salientar o potencial agrícola do nosso país, citamos o exemplo da região Nordeste, que possui mais de *cinco milhões* de hectares irrigáveis, de solos bons, com 14 pólos de irrigação e localização estratégica, próximo ao Equador, com densidade do fluxo radiante máximo, por quase todo o ano, mais de 80.000 lux de brilhância e 1,3 cal/cm<sup>2</sup>/dia de radiação global, da qual 42% na faixa fotossinteticamente ativa, podendo ter três cultivos de ciclo curto por ano, em sistema rotacional, tais como *algodão herbáceo, amendoim e tomate industrial*, todos com ciclo médio, considerando-se as cultivares atuais precoces, de menos de 4 meses de emergência à colheita, além do *arroz*, do *milho* e do *feijão*, se houver necessidade. As perspectivas mundiais são favoráveis, com preços estáveis e estoques projetados para 1997 dentro da faixa dos últimos anos, em torno de 9,25 milhões de toneladas de fibra e uma produção de 19,53 milhões de toneladas e consumo previsto de 19,49 milhões de toneladas, segundo dados do ICAC. Os grandes produtores de algodão terão, na maioria, redução na produção, como a China, que deverá produzir menos 800.000t de pluma que em 1995/96, devido a problemas de pragas, principalmente nas áreas irrigadas. A China deverá comprar mais de 400.000t de algodão em pluma em 1996/97. A Índia deverá produzir um pouco menos que em 1995/96, que foi

de 2,7 milhões de toneladas de pluma para um consumo de 2,75 milhões de toneladas, podendo até ter que *importar* um pouco de algodão em pluma. O Paquistão, outro grande produtor, terá, na safra de 1996/97, uma produção tão baixa quanto a de 1984/85, que foi de 1,44 milhão de toneladas, um decréscimo de mais de 360.000t de pluma com relação à média dos últimos cinco anos.

O Ubesquistão tem produção estimada, para 1996/97, de 1,1 milhão de toneladas, redução de aproximadamente 200.000t em relação à safra passada, devido a problemas de excesso de frio e chuvas no início da cultura. A Turquia também terá redução na produção. Somente os E.E.U.U., como um dos grandes produtores de algodão do mundo, atualmente o segundo (3,89 milhões de toneladas de pluma em 1995/96), perdendo apenas para a China (4,76 milhões de toneladas de pluma em 1995/96), terão aumento da produção, passando para 4,13 milhões de toneladas de pluma, um incremento de mais de 230.000t de pluma em relação à safra passada, de acordo com os dados do International Cotton Advisory Committee (ICAC). Verifica-se, assim, que o *cenário* é favorável para quem produzir e terá excedentes. Na última semana de março/97, algodão tipo 4 a 5, fibra 30-32mm comercial, com bom *estilo* e *caracter*, foi comercializado no *Nordeste brasileiro* a mais de R\$2,0/kg de pluma, bem acima do preço internacional de 73 centavos de dólares por libra-peso (0,453 g) o que é um indicativo muito bom para acelerar a nossa produção.

É importante que seja dito que o algodão fibra média representa, hoje, mais de 90% do consumo mundial do algodão e que o extra-longo (36-38, 38-40, 40-42 mm) é hoje um mercado fechado e pequeno, cerca de 780.000t de pluma de produção, esperada para 1996/97 para um consumo de apenas 487.000t de pluma, e com tendência decrescente nos últimos cinco anos, devido, em parte, à grande evolução da indústria têxtil mundial, onde o comprimento da fibra deixou de ser a variável intrínseca mais importante, sendo hoje as principais: *coloração* (grau de reflectância), *uniformidade* do comprimento da fibra, *finura* e *resistência*. *Engana-se quem pensa que não é importante produzir*



*algodão no mundo globalizado; engana-se quem pensa que haverá geração de empregos em número de milhares e até de milhões nos setores de serviços e indústria (são caros, competitivos e escassos) se engana, também, quem pensa que poderemos empregar mais de 2,5 milhões de trabalhadores que perderam o emprego, sem a ajuda da agricultura e da agroindústria. O algodão, ao longo de sua cadeia, é hoje o segundo "Commodity" do mundo movimentando, somente em produtos têxteis, dos quais representa mais de 48% do total, cerca de 190 bilhões de dólares/ano, como foi em 1994.*

### 3. LITERATURA CONSULTADA

- ALGODÃO: concorrência predatória. **Globo Rural**, v.1. p. 96, 1996.
- ANÁLISE CONJUNTURAL. Brasília, CONAB, n. 1, 1996.
- BARBOSA, M.Z. Transformação do mercado brasileiro de algodão e a influência de políticas comerciais. **Informações Econômicas**, v. 26, n. 2, p. 11-19, 1996.
- BELTRÃO, N.E. de M. **Breve diagnóstico do algodão no Brasil e no Nordeste brasileiro**. Campina Grande: EMBRAPA-CNPA, 1996. 5p. (EMBRAPA-CNPA. Comunicado Técnico, 43).
- BELTRÃO, N.E. de M. **Informações sobre o algodão no Brasil: situação atual, problemas, perspectivas e possíveis soluções**. Campina Grande: EMBRAPA-CNPA, 1996. 19p. (EMBRAPA-CNPA. Documentos, 46).
- CARTA TÊXTIL. São Paulo, SINDITÊXTIL/ABIT, v.34, n. 1672, 1996.
- CARVALHO, L.P. de; BARBOSA, M.H.P.; COSTA, J.N. da; FARIAS, F.J.C.; SANTANA, J.C.F. de; ANDRADE, F.P. de. Progresso genético do algodoeiro herbáceo no nordeste. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v. 32, n. 3, p. 283-291, 1997.



- FICHET, M. Le coton en Argentine: une progression impressionnante. **Coton et Développement**, n. 20, p. 31-35, 1996.
- FREIRE, F. de S.; MELO, M.C.P. de; ALCOUFFE, A. **Novos aspectos da influência da cotonicultura no setor têxtil brasileiro**. [S.l.: s.n.] [19--].
- GUIMARÃES, V. di A. Algodão de volta às importações. **Óleos & Grãos**, v. [MTR1]5, n. 28, p. 68-69, 1996.
- NIERI, H.S. **A realidade do algodão no Brasil - 1996**. São Paulo: [s.n. ], 1996. 5p.
- OLIVEIRA, M.H. de; MEDEIROS, L.A.R. de. Perfil do setor têxtil brasileiro. **Textília**, v.6, n. 20, p. 5-6, 10-12, 14,16,18-19, 1996.
- WORLD COTTON SITUATION. Washington: ICAC, 1997. 7p.

